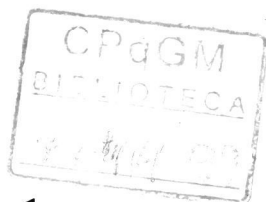


ANNAIS

ACADEMIA DE MEDICINA
DA BAHIA



VOLUME 11

DEZEMBRO/1998

SALVADOR-BAHIA

Discurso de posse na Academia de Medicina da Bahia*

Profa. Sonia Gumes Andrade

Exmo Sr. Presidente da Academia de Medicina da Bahia. Caros confrades e confradeiras. Meus Senhores e minhas Senhoras.

Ao ingressar na **Academia de Medicina da Bahia**, conduzida pela vontade dos seus ilustres e renomados componentes, que me indicaram, me aceitaram e me elegeram, sinto-me imensamente honrada e, ao mesmo tempo, feliz por estar de volta à minha velha **Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus**, desta vez não como uma jovem aluna mas, numa etapa de plena maturidade, recebendo o reconhecimento dos meus pares, por uma vida contínua de trabalho.

Os meus agradecimentos a todos os que demonstraram, inequivocamente, a sua confiança, ao aceitarem em seu meio uma artesã da pesquisa laboratorial, voltada inteiramente para o âmbito restrito do seu trabalho de ensino e investigação, sem pretensões filosófico-acadêmicas ou literárias.

Agradeço especialmente ao Prof. Geraldo Milton da Silveira, membro dos mais ativos e ilustres desta Academia e seu ex-Presidente, amigo de longa data, verdadeiro mentor da minha entrada para a Academia de Medicina da Bahia, e que primeiro expressou a idéia de me indicar como um membro da mesma.

Agradeço ao ilustre Presidente desta Academia, o Professor Alberto Serravallo, que, com o seu aval, seu cavalheirismo e a sua competência, me abriu as portas desta Academia durante a sua profícua gestão.

* 22/07/1998

Agradeço à Comissão Julgadora formada pelos Professores, Armênio Guimarães, Agnaldo David de Souza e José Antonio de Souza, que emitiu o seu Parecer favorável ao julgar o trabalho por mim apresentado para concorrer à vaga de Nº 25, antes ocupada pelo Prof. **Hosannah de Oliveira**, sob a égide do seu ilustre Patrono, o Prof. **Martagão Gesteira**.

Dedico este momento de tanto significado em minha vida, à memória do meu pai, **Huol Gumes**, à minha mãe, **Marieta Lobão Gumes**, a **Zilton** e aos nossos filhos e netos, todos eles criando o ambiente de amor e compreensão, que me permitiu a realização dos meus ideais.

A vida nos oferece inúmeros caminhos. Ao seguir um deles, buscamos nossos sonhos, nosso ideais, escolhemos nossas tarefas, nossas atribuições, nossos deveres, porém, mais de que tudo, nossos companheiros, nossos amigos. É a estes que me dirijo agora, para agradecer a todos que palmilharam e palmilham comigo os caminhos da ciência e do trabalho, companheiros de todas as jornadas, professores, alunos, colaboradores, difícil seria nomeá-los, pois todos contribuíram para que hoje eu aqui estivesse, carregando os louros que a todos caberiam.

Na fase mais inicial da minha formação, surge a figura ímpar do Prof. José Olympio da Silva, Catedrático da 2ª cadeira de Clínica Médica e os seus Assistentes Professores Cícero Adolfo da Silva e Rubem Tabacof, os quais, com mãos seguras, me levaram pelos caminhos árduos da Clínica.

A seguir, a vivência riquíssima na Fundação Gonçalo Moniz, onde entrei em contacto pela primeira vez, na década de 50, com a Anatomia Patológica e a pesquisa científica e onde encontrei, estudante ainda, a figura de Zilton, que me marcou para sempre, como o companheiro de toda a vida, como o orientador, o colega, o amigo. Mais tarde, já Professora da Faculdade de Medicina, contei com o apoio de seus Diretores e dos companheiros do Departamento de Anatomia Patológica, secundados também pelos que, durante todos estes anos, comigo conviveram na Fundação Gonçalo Moniz, depois Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz, como parte integrante de coesa equipe de trabalho. Nesta fase, não poderia deixar de citar os nomes dos seus Diretores: Aluizio Pra-

ta, José Fernando Figueiredo, Zilton Andrade, Moysés Sadigursky e Mitermayer Galvão dos Reis pelo apoio e incentivo constantes. A todos, os meus agradecimentos.

Devo confessar que, de início, a simples possibilidade de vir a fazer parte da Academia de Medicina da Bahia, me deixou até certo ponto perplexa. O peso da responsabilidade de preencher a vaga anteriormente ocupada pelo Professor **Hosannah de Oliveira**, o qual me acostumei a respeitar e admirar, como estudante ainda, e depois como Professora desta Faculdade, aquele de cujas mãos recebi o meu Diploma de Médica como Diretor desta Faculdade em 1953, transforma este ato solene, esta posse na Academia, em algo muito superior aos meus méritos, se é que os tenho. Senti-me pequena diante desta perspectiva.

Talvez eu tivesse uma visão ultrapassada do sentido de “Academia”, baseada na acepção da palavra que nos conduz à sua origem primeira, quando Platão fundou, há mais de 300 anos antes de Cristo, a sua Academia filosófica, baseada em uma filosofia moral, especulativa e dogmática. Entretanto, a evolução se fez através os séculos, e, desde a Renascença, o termo “Academia” foi aplicado às sociedades voltadas para o culto ao saber que, não sendo escolas, num senso comum, eram ligadas a instituições de nível superior, especialmente a partir do século 18.

As academias científicas surgiram desde os séculos 16 e 17 na Itália, na França, na Inglaterra, na Alemanha e nestas encontramos nomes como os de Galileu, Descartes, Pascal e muitos outros. No mundo moderno, o conceito de Academia passou a significar, nas artes e nas ciências, os espaços onde os formadores do conhecimento passaram a ter um foro amplo e aberto, para discutirem e amadurecerem as suas idéias, dando-lhes um *cunho de universalidade, capaz de criar pontos de interação entre os diversos âmbitos do conhecimento humano.*

É pois, dentro deste espírito pós-moderno, que vejo agora a minha presença nesta Academia, no sentido de que ela me permitirá o contacto com uma comunidade médico-científica de *escol, capaz de ampliar a minha visão acadêmica, trazendo-me imensos benefícios e novas energias nesta carreira que, em tão boa hora, resolvi seguir e à qual sempre me dediquei.*

Será uma volta à Faculdade de Medicina, em que entrei pela primeira vez em 1948, com o ideal máximo de uma vida a ser dedicada à Medicina. A Academia de Medicina da Bahia, criada em 10 de julho de 1958, pela brilhante iniciativa do Professor Jayme Sá Menezes, é mais jovem do que o meu sonho, do que este ideal.

Sendo a nossa, a mais antiga Faculdade de Medicina do país, foi realmente tardio o surgimento desta Academia, principalmente se considerarmos que a Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro tem mais de 160 anos. É surpreendente, portanto, que a Academia de Medicina da Bahia esteja ainda na sua juventude, ao completar agora, os seus 40 anos, fundada que foi em 1958. Analisando as razões pelas quais, somente então se houvesse criado esta Academia, o Prof. José Silveira, em seu discurso comemorativo dos seus 20 anos, em 1978 faz uma análise lúcida dizendo que “o motivo essencial do nosso retardamento esteve no fato, tranqüilamente aceito, de ter sido sempre a Faculdade do Terreiro a nossa verdadeira e real Academia de Medicina, como aliás, por muito tempo fora reconhecida e respeitada” diz Silveira. Entretanto, a necessidade de congregar os nomes de proeminentes médicos, e de imortalizá-los através de um “cunho consagratório” na visão de Sá Menezes em seu “Retrospecto histórico da fundação e funcionamento da Academia de Medicina da Bahia” fez com que surgisse e se concretizasse a idéia de sua criação. E aí está a nossa Academia, provando que, apesar de relativamente recente, está realmente fincada em alicerces seguros, provenientes das lides dos nossos ancestrais, e perpetuada através um fluxo contínuo, sempre atualizada e renovada.

A minha entrada na Academia de Medicina da Bahia, transcendendo, em significado, às expectativas de minha carreira como professora e pesquisadora.

Como mulher, não poderia deixar de ter uma visão feminina deste fato, o que me permite ampliar ao máximo este acontecimento, retirando de sobre mim os focos luminosos, para colocá-los sobre o fato maior que é a evolução da mulher no mundo moderno. Não se trata de uma posição “feminista” no sentido da palavra, mas gostaria que fosse reconhecida antes, como uma posição humanista, na medida em que reconhece, na mulher,

potencialidades idênticas para a realização de conquistas como esta, da qual agora, sou a personagem principal.

A trajetória da mulher na sociedade é cheia de percalços. Evoluiu em milênios, desde uma situação de extrema inferioridade, no que diz respeito às suas realizações pessoais, aos direitos individuais, à liberdade de pensamentos e ações, até a situação presente, em pleno século 20, em que a mulher pode atuar em todos os setores da atividade humana.

O direito de exercer a Medicina foi o resultado de uma luta de séculos, entre a mulher e a sociedade. De acordo com o historiador baiano Alberto Silva, que traçou brilhantemente a trajetória das primeiras mulheres médicas no Brasil, esta luta secular no mundo começou desde o instante em que a mulher desejou ser médica e atravessou assim a idade antiga, penetrou na idade média, invadiu a moderna, estendendo-se a grande parte da contemporânea, quando surgiu o triunfo da sua perseverança. Havia notória relutância em conceder à mulher o direito de exercer a profissão médica, sendo restrito aos homens, o direito de estudar a Medicina interna, fazer as provas de competência e se graduarem, permitindo-se à mulher, apenas, o exercício da cirurgia e da obstetrícia, sem o cunho científico que hoje têm estas especialidades.

Em 1754, na Universidade de Halle, na Alemanha, Dorotéa Cristina Erxleben foi a primeira mulher a receber o Diploma oficial de Doutora em Medicina no mundo, e marca o início da ascensão vitoriosa da mulher médica. Entretanto, as mulheres continuaram hostilizadas pelos colegas masculinos e pela imprensa, e mesmo por outras mulheres, em vários centros como na Inglaterra, na França, nos Estados Unidos, sempre que as jovens tentavam estudar Medicina.

No Brasil, somente em 1879, pela "Reforma Leôncio de Carvalho", permitiu-se o ingresso da mulher nas Faculdades, para obtenção de diploma científico. A primeira médica brasileira diplomada no Brasil foi a gaúcha Rita Lobato Velho Lopes, na Faculdade de Medicina da Bahia, em dezembro de 1887. Logo a seguir, em 1888, diplomou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a Dra. Ermelinda Lopes de Vasconcelos. Ambas fo-

ram muito bem recebidas pelos Professores e colegas masculinos em suas Faculdades, refletindo assim uma nova mentalidade, já então vigente no Brasil. Daí para diante, as mulheres continuaram a ingressar mais e mais nas Faculdades de Medicina e em todas as outras instituições de ensino superior.

De acordo com Rosalind Rosemberg, as nove décadas passadas determinaram enormes mudanças na vida da mulher. Na década final do século 20, as mulheres estão atingindo níveis mais elevados de educação, trabalhando mais freqüentemente, retardando a idade de casamento e de maternidade e vivendo mais tempo do que em qualquer época deste século. Nos Estados Unidos, um em cada cinco médicos e um em cada 5 advogados são mulheres. Na França, de acordo com Elisabeth Badinter, num espaço de 20 anos, a situação das mulheres se modificou radicalmente. Em 1906, as mulheres francesas representavam 39% da população ativa e destas, 44% trabalhavam no setor agrícola. Entretanto, estima esta autora que em 1985, 10 milhões de francesas estavam ativas. Além disto, o trabalho adquiriu para elas um significado diferente do que tinha para as mulheres do início do século, quando só tinham acesso aos trabalhos penosos e repetitivos, exploradas mais duramente que os homens e inferiormente pagas. “Na era do computador, não se distinguem mais as tarefas masculinas das femininas”, diz esta autora.

Pouco a pouco as mulheres mais privilegiadas unem-se profissionalmente aos mais privilegiados homens.

Entretanto, não julguemos nós que as carreiras femininas estão facilitadas. Pelo contrário, cabe à mulher a capacidade de competir com os homens com igual proficiência, porém sem abdicar do seu direito maior de ser mãe, e do dever de ser esposa e companheira do homem, funções sociais estas da mais alta importância e que não poderão jamais ser subestimadas no papel da mulher na sociedade.

No Brasil, o desemprego, o subemprego e a menor remuneração por atividades semelhantes, atingem muito mais às mulheres. Apesar de tecnicamente preparadas, as mulheres levam desvantagens quanto aos níveis atingidos em suas carreiras, sem que isto signifique menor capacidade ou incompetência.

Nos países socialmente mais evoluídos, esta colocação seria, talvez, sem sentido. Basta se considerar que na década de 20, nos Estados Unidos, a Sociedade de Mulheres Médicas já batalhava, ativamente, no sentido de desenvolver programas de Saúde Pública e Medicina Preventiva com assistência gratuita, sendo veementemente combatidas pelos membros da Associação Médica Americana.

Entretanto, em nosso meio, a condição feminina é muitas vezes degradada a um nível de inferioridade. **Cabe à mulher, e só a ela, se preparar para ocupar o seu espaço na sociedade.**

Minhas homenagens àquelas que, por esforço próprio e por autodeterminação, conseguiram os níveis mais elevados de formação cultural e, hoje no Brasil, vencendo as dificuldades do meio, e acumulando as tarefas inerentes à sua condição feminina, conseguiram vencer em suas carreiras como professoras de todos os níveis, médicas, advogadas, arquitetas, escritoras, empresárias, cientistas, pesquisadoras, formando com os homens, a base cultural da sociedade. Estas homenagens vão também para as dezenas de outras que, anonimamente, dedicaram a sua vida à Medicina, ao Ensino e à Pesquisa, às Professoras e Pesquisadoras e a todas as mulheres que reconheceram o seu dever de contribuir para a ciência, para a evolução e a transmissão do conhecimento.

Enalteço o papel da Academia de Medicina da Bahia, pela sua contemporaneidade, ao criar em seu âmbito o espaço para que as mulheres como Maria Tereza Pacheco e Eliane Azevedo, conduzidas pelos ideais acadêmicos, neles compreendidos a atuação científica e profissional, possam compartilhar das suas atividades, contribuindo assim para o seu engrandecimento.

O conceito de **Academia** nos tempos modernos traz implícito o ideal de manter imortal a memória dos seus membros e, como tal, cabe ao sucessor a árdua tarefa de definir o perfil de seus patronos e reviver a memória do seu antecessor, trazendo à lembrança de alguns e ao conhecimento de todos, os pontos mais importantes de sua carreira e da sua contribuição. Dentro deste contexto, surgem diante de mim as personalidades de **Martagão Gesteira** e de **Hosannah de Oliveira**.

O patrono da cadeira nº 25: **PROF. JOAQUIM MARTAGÃO GESTEIRA**, nasceu em Afonso Pena (antiga Conceição do Almeida) em 17 de maio de 1884. Ingressou na Faculdade de Medicina em 1902 e defendeu sua Tese de conclusão do curso em 1908. Esta Tese inaugural já demonstra uma maturidade fora do comum para um jovem de 24 anos que concluía o seu curso médico. Intitulada “Etiologia e diagnóstico da septicemia de Bruce” o autor discorre fluentemente nesta Tese sobre o assunto, em revisão bibliográfica exaustiva, ao tempo em que investiga a ocorrência desta nosologia em nosso meio, usando os recursos disponíveis na época, com acerto e objetividade. Não faltou certamente ao jovem médico, a orientação segura na carreira científica, sendo de alto significado, o fato de que a sua Tese foi realizada na cadeira de Clínica Propedêutica, tendo como Professor o grande Alfredo Brito. Em 1912, submeteu-se Martagão Gesteira ao Concurso de Livre Docência da Clínica Pediátrica Médica com a Tese intitulada “Reação de Schimidt-Triboulet (seu valor prognóstico nas afecções dos lactentes)”. Em 1914 foi regente interino de Clínica Pediátrica Médica e a seguir Professor Extraordinário Efetivo de Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil. Ainda neste mesmo ano defendeu a Tese de Catedrático intitulada “O exame médico da criança – Semiótica do aparelho respiratório”, assumindo então, em 1915, o cargo de Professor Catedrático de Clínica Pediátrica Médica.

Em 1923 fundou Martagão Gesteira, com os seus colaboradores Álvaro Bahia, Álvaro da Franca Rocha, Hélio Ribeiro, Carlos Levindo, Durval Gama e Augusto Fernandes de Abreu, a Liga Bahiana Contra a Mortalidade Infantil, de fins filantrópicos, hoje designada Liga Álvaro Bahia Contra a Mortalidade Infantil. No presente momento, estão sendo comemorados os 75 anos desta Instituição filantrópica, que nasceu da sensibilidade deste grupo de médicos liderados por Martagão Gesteira, para fazer frente às condições alarmantes de mortalidade infantil que ocorriam à época na Bahia. Estas comemorações estão centradas em inúmeras conferências e debates científicos por especialistas, demonstrando que as sementes que foram lançadas em 1923 encontraram um solo fértil e têm produzido os seus frutos. A obra assistencial desenvolvida pela Liga Bahiana Contra a Mortalidade

de Infantil atingiu um nível tal de importância, que deu origem à criação de um Hospital, construído por seu continuador, Álvaro Bahia, cuja pedra fundamental foi lançada em 1946, o qual foi denominado Hospital Martagão Gesteira, como uma justa homenagem àquele que tanto batalhou pela defesa da criança na Bahia e no Brasil. Em 1930, fundou a Sociedade de Pediatria da Bahia e a primeira publicação especializada no Brasil, o “Boletim de Pediatria”, depois “Revista de Pediatria e Puericultura”.

Em 1935, foi Martagão Gesteira Diretor do Departamento Estadual da Criança, instalando consultórios de higiene pré-natal e de higiene infantil, em todos os distritos da cidade de Salvador, tendo fundado a Escola de Puericultura Raymundo Magalhães, localizada no Campo Grande.

Impressionado com a sua obra assistencial e científica, o Presidente Getúlio Vargas convidou-o, em 1937, para ocupar a 1ª Cadeira de Puericultura e Clínica da Primeira Infância na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Aquele que, na Bahia, havia sido o paladino das lutas em favor da saúde infantil, desenvolveu também no Rio de Janeiro uma obra notável, tendo sido Diretor do Instituto de Puericultura da Universidade Federal, de 1938 a 1941. Permaneceu como Professor Catedrático da Universidade Federal do Rio de Janeiro, até a sua morte, em 1954.

Ainda como Catedrático da Faculdade de Medicina da Bahia e depois na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, o Professor Martagão Gesteira fez várias viagens ao exterior e representou o Brasil em vários Congressos Internacionais, trazendo sempre novos conhecimentos, que muito contribuíram na formação de uma nova escola de Pediatria Científica. Na Bahia, foram seus alunos, entre outros, os ilustres Professores Hosannah de Oliveira, Bráulio Xavier, Eliezer Audíface e, como continuadores de sua obra social, Raymundo Gesteira, seu filho, Álvaro Bahia, Franca Rocha, José Peroba, Elizio Athayde. Deixou uma grande obra científica que engloba Teses, Monografias, Conferências, numerosos trabalhos publicados em revistas nacionais e estrangeiras, além de 3 livros. De acordo com as palavras do seu contemporâneo, Prof. Eliezer Audíface, autor de sua biografia publicada na Sinopse Informativa da Faculdade de Medicina, em 1978,

“Martagão Gesteira não foi só o Professor admirável; a sua atuação como clínico, até hoje, tantos anos após a sua morte, ainda é evocada e recordada pela admiração dos assistentes e ex-alunos”. Deste modo, foi Martagão Gesteira um grande marco na Medicina, e, especificamente, na Pediatria e na Puericultura. Sua obra assistencial é um atestado para a posteridade do seu valor humanístico que ultrapassa até mesmo o seu imenso valor científico.

Dentro desta grande Escola de Pediatria da Bahia surge a figura de **HOSANNAH DE OLIVEIRA**, continuador de Martagão Gesteira no magistério e na sua obra assistencial, como Catedrático da Clínica Pediátrica e como Diretor da Liga Bahiana Contra a Mortalidade Infantil. Hosannah de Oliveira nasceu na cidade de Belmonte, Bahia, em 22 de setembro de 1902, filho de Leopoldino Ferreira de Oliveira e de D. Francisca Sampaio de Oliveira. Durante o seu curso médico na Faculdade de Medicina da Bahia, foi interno da cadeira de Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil, da qual era catedrático o Prof. Martagão Gesteira, recebendo, portanto, desde cedo, na sua carreira, a influência deste Mestre. A prova disto é que em sua Tese de Doutorado, em 1927, diz o doutorando “Foi-nos proposto pelo nosso eminente Mestre, Professor Martagão Gesteira, o estudo do fígado na desnutrição da criança e demos início às pesquisas que nos levariam ao fim almejado.” A Tese resultante, para a obtenção do título de Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas foi intitulada: “O fígado na hypotrepia” e representou um estudo geral sobre o fígado na criança e em especial das funções hepáticas na desnutrição da criança, tendo como base as provas funcionais usadas na época. Aluno laureado da turma de Médicos de 1927, seguiu todos passos da carreira universitária. Em 1937, fez concurso para Docente Livre da Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil e, em 1938, entrou como Assistente desta Clínica. Posteriormente, ocupou o cargo de Professor Catedrático Interino, a partir de 1941 até 1946. Em 1945, fez concurso para Catedrático da Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil, tendo defendido a Tese intitulada: “A incidência da sífilis congênita no lactente, na cidade do Salvador”. Esta Tese reflete a grande experiência do Professor Hosannah de Oliveira, além de mostrar a sua preocupação

com o problema que atingia principalmente as classes mais pobres. Na primeira parte desta Tese, discorre sobre a importância médico-social da sífilis congênita e faz uma análise do problema no Brasil. Na segunda parte, faz minuciosa análise sobre as bases do diagnóstico da sífilis congênita, descrevendo, não apenas os sinais clínicos, mas o exame radiológico, a pesquisa do agente etiológico e as reações sorológicas. Na terceira parte estuda a incidência da sífilis congênita nos lactentes na Bahia e apresenta os dados de bibliografia existentes. Diz Hosannah: "Durante 9 anos vimos estudando o problema da sífilis congênita no lactente, em nosso meio, e já em 1937 apresentamos um relatório ao 2º Congresso de Medicina, focalizando o assunto. Daí para cá, com observações mais cuidadosas, conseguimos levantar uma estatística da incidência da infecção treponêmica do lactente e as cifras encontradas nos deixaram verdadeiramente estarecidos". Catalogou 735 casos, descrevendo as suas lesões e a incidência das suas diversas manifestações. Na quarta parte da sua Tese, descreve as medidas de proteção e assistência ao lactente sífilítico e os métodos de tratamento em uso na época, em longos períodos de 3 a 4 anos, à base de Arsênio-Bismuto, sendo incipiente, a esta época, o uso de Penicilina no tratamento da sífilis.

Difícil será, para mim, poder captar todas as nuances da personalidade de **Hosannah de Oliveira**. Sendo ele nosso coetâneo, todos trazemos no coração e na memória a sua imagem; eu a tenho viva pelas suas aulas, pela sua presença na enfermaria e por ocasião de minha formatura, quando recebi de suas mãos o meu Diploma de Médica. Muitos trazem dele, também no coração, a lembrança de seu convívio diário na clínica, na enfermaria, na vida e destes testemunhos me servi, através dos colegas Nelson Barros, Luiz Fernando Pinto, de artigos de outros mestres desta Faculdade, para melhor entendê-lo. Suas posições eram retas e firmes, e na sua carreira teve inúmeras oportunidades de demonstrar a força do seu caráter e a sua honradez. Foi Diretor da Faculdade de Medicina, Superintendente do Hospital Universitário Prof. Edgard Santos, Comendador da Ordem do Mérito da Bahia, e, após a sua aposentadoria, recebeu o Título de Profes-

sor Emérito e a Medalha de Ouro por excepcionais serviços prestados à Universidade.

Foi Membro da Academia de Medicina da Bahia, ocupando a cadeira de nº 25, tendo como Patrono Martagão Gesteira.

Continuador, como já me referi, de uma brilhante escola de Pediatria na Bahia criada por Martagão Gesteira, transmitindo aos jovens alunos as suas atitudes humanísticas de um grande chefe, um Professor Universitário no sentido mais amplo, distribuindo conhecimentos, dando exemplos de bondade, retidão de caráter e honestidade, até hoje os seus alunos diletos continuam a sua obra e continuam a amá-lo, como bem expressam os artigos publicados por ocasião do seu falecimento, em 1997. Um deles, o Professor Nelson Barros, seu sucessor na cadeira de Pediatria disse: "Foi um Professor notável, de incomparável humildade e, desse modo, nos transmitiu conhecimentos que, além de nos informar, sobretudo moldaram a formação de inúmeros discípulos." Do Prof. Luiz Fernando Pinto podemos ler: "Nesta trajetória brilhante, permeada por incontáveis títulos, reunidos num riquíssimo currículo, a grandiosidade da sua cultura e o papel altamente representativo que ele desempenhou na Pediatria nacional foram sobrepujados pela magnitude do seu espírito. O ser humano excepcional transcendeu a riqueza do currículo."

Estamos aqui, hoje, sob a aura magnífica destes dois Professores notáveis que se distinguiram não só pela inteligência e competência como, e principalmente, pela sua bondade e dedicação à causa das crianças, aos cuidados assistenciais indispensáveis a esta sofrida população infantil de nosso país, crianças estas que representam a célula mater da nossa nacionalidade.

Por todos os seus méritos, estes dois Mestres deverão ser reconhecidos agora e na posteridade como verdadeiros BENFEITORES DA SOCIEDADE.

OBRIGADA.